



## Resumo da pesquisa

### **O IMAGINÁRIO DA REVOLTA: CABANAGEM (1835-1840) E REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835-1845)**

Aluno: Klaus D'Orásio Leão

RA: 177745

Graduação em Artes Visuais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria de Fátima Morethy Couto

Meu desejo em desenvolver esta pesquisa de iniciação científica teve origem numa inquietação que surgiu no decorrer de minhas aulas de História da Arte e História da Arte Brasileira, no Instituto de Artes. Ao longo delas, percebi que a arte brasileira muito poucas vezes representou episódios violentos da história do país, ao contrário do que ocorreu em países que historicamente influenciaram muito as artes plásticas brasileiras, como França, Itália, Alemanha, entre outros. Nesses países, não apenas conflitos contra outros países foram representados nas artes (como as Guerras Napoleônicas), mas também diversas revoluções, revoltas e guerras civis foram registrados através das artes visuais, principalmente através da pintura. No Brasil, entretanto, as pinturas mais famosas referentes a conflitos armados são, em geral, as que têm como tema a Guerra do Paraguai.

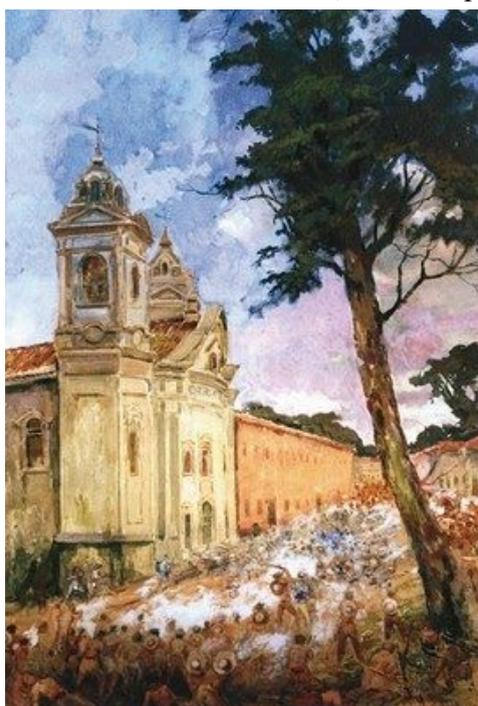
Assim, buscando me aprofundar nessa questão, comecei a pesquisar de maneira superficial as principais revoltas e conflitos internos da história do Brasil, e quais haviam sido representadas através da arte. Encontrei uma grande quantidade de revoltas na história de nosso país, mas dois casos específicos me chamaram a atenção: o da Revolução Farroupilha (1835-1845) e o da Cabanagem (1835-1840). Essas duas revoltas me chamaram a atenção imediatamente como uma possibilidade de comparação, pois apesar de terem ocorrido

simultaneamente (dentro do chamado Período Regencial), elas receberam tratamentos muito distintos entre si, em termos da notoriedade que alcançaram em âmbito nacional e da forma como suas memórias são preservadas em suas respectivas regiões de origem.

Os objetivos da pesquisa eram comparar as representações artísticas da Cabanagem e da Guerra dos Farrapos discutindo suas especificidades formais, temáticas e históricas e discutir como se deu a circulação dessas obras, pesquisar se e como a arte contemporânea aborda esses temas e por fim, tentar apontar a influência que essas obras tiveram na construção de certas narrativas e memórias relacionadas aos conflitos.

Iniciei o trabalho em si pesquisando a bibliografia referente a ambos os eventos, com o intuito de me familiarizar com os mesmos. Após essa fase, comecei a pesquisar obras de arte que representassem ou ao menos fizessem referência aos conflitos, assim como textos a respeito dessas obras. Algumas dessas obras serão mostradas ao longo do resumo, como as aquarelas de Alfredo Norfini *Cabano paraense* (1940) e *A tomada do trem de guerra* (1940), relativas à Cabanagem, e *Carga de cavalaria* (1893), de Guilherme Litran, *Proclamação da República de Piratini* (1915), de Antônio Parreiras. Nesse período também me deparei com o trabalho de um artista contemporâneo chamado André Penteado, que realizou dois fotolivros, um sobre cada revolta.

Alfredo Norfini, *Tomada do Trem de Guerra*, 1940. Aquarela, 93,3 x 69 cm

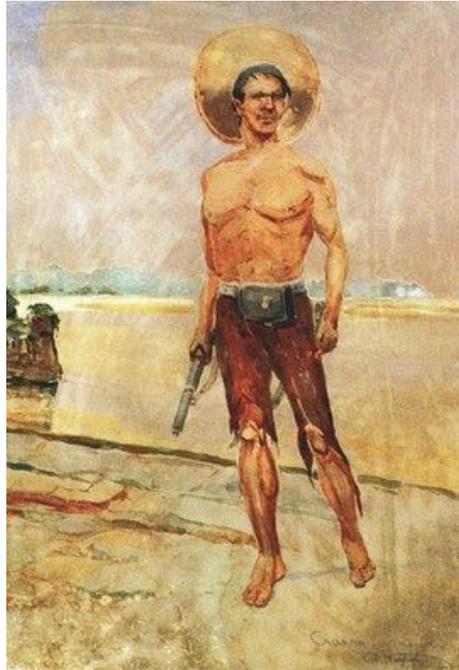


Fonte: acervo do Museu de Arte de Belém.

A disparidade de representatividade artística entre os dois conflitos tornou-se evidente no próprio processo da pesquisa, já que havia um volume muito maior de obras sobre a Guerra dos Farrapos e textos acadêmicos analisando as mesmas que obras referentes à Cabanagem e textos sobre elas. Após reunir as obras relativas a cada revolta, em conjunto com minha orientadora selecionei as obras que julgamos mais importantes de cada movimento, e então realizei uma análise sobre cada uma delas, abordando aspectos como

suas composições, técnicas, dimensões e trazendo, sempre que possível, uma breve olhar sobre a circulação de cada pintura.

Alfredo Norfíni, *Cabano Paraense*, 1940. Aquarela, 97,3 x 69 cm



Fonte: acervo do Museu de Arte de Belém.

Além da análise a respeito das obras já consagradas no cânone brasileiro da arte, me debrucei sobre os dois fotolivros previamente mencionados, de autoria de André Pentead, denominados *Cabanagem* (2015) e *Farroupilha* (2020). Procurei por entrevistas do artista acerca de ambas as obras, tanto escritas quanto em vídeo, e também usei como fonte seu próprio site profissional. Eu ainda tinha algumas dúvidas a respeito de seu processo criativo e de sua poética, então entrei em contato com o artista e conversei com ele através de uma videoconferência realizada na plataforma Google Meets em 26 de maio de 2020.

Guilherme Litran, *Carga de Cavalaria*, 1893. Óleo sobre tela, 40 x 50 cm



Fonte: Acervo do Museu Júlio de Castilhos.

Antônio Parreiras, estudo para *Proclamação da República de Piratini*, 1912. Óleo sobre madeira, 24,2 x 45,8 cm.



Fonte: acervo do Museu Antônio Parreiras, Niterói.

A realização dessa conversa diretamente com o artista enriqueceu muito a análise de seus fotolivros e me permitiu com isso estabelecer um elo entre o presente e o passado, ou seja, analisar como os mesmos eventos foram retratados artisticamente no passado (principalmente no início do século XX) e como estão sendo recuperados atualmente.

André Penteadó, *Sem título*, série *Cabanagem*, 2015. Fotolivro.



Fonte: site de André Penteadó

André Penteadó, *Sem título*, série *Farroupilha*, 2020. Fotolivro.



Fonte: site de André Penteadó

O resultado da pesquisa foi satisfatório, apesar de alguns dos objetivos iniciais terem se mostrado ambiciosos demais para que pudessem ser alcançados em uma iniciação científica, mais especificamente o objetivo de tentar mensurar o impacto que aquelas obras de arte tiveram na construção e manutenção das narrativas e memórias a respeito da Cabanagem e da Revolução Farroupilha. O mais importante foi que conseguimos encontrar, selecionar e comparar obras de ambas as revoltas, analisando seus aspectos técnicos e formais e quando possível fornecendo um breve panorama sobre como se deu o processo de encomenda, criação e circulação da pintura analisada. Além disso, a descoberta do trabalho de arte fotográfica de André Penteadó mostrou que não só os episódios violentos da história brasileira não foram esquecidos como estão sendo resgatados, e esse resgate já superou os limites da historiografia e está cada vez mais tomando corpo no meio artístico.